

**Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem**

**Leonardo Etiene Silva da Luz**

**A representação do autismo na literatura: uma análise do livro *Passarinha*, de  
Kathryn Erskine**

**Campinas**

**2024**

**Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem**

**Leonardo Etiene Silva da Luz**

**A representação do autismo na literatura: uma análise do livro *Passarinha*, de  
Kathryn Erskine**

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), para obtenção do título de Licenciatura em Letras, sob orientação da Prof. Dra. Cynthia Agra de Brito Neves.

**Campinas**

**2024**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

Luz, Leonardo Etiene Silva da, 1994-  
L979r A representação do autismo na literatura : uma análise de Passarinha, de  
Kathryn Erskine / Leonardo Etiene Silva da Luz. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Cynthia Agra de Brito Neves.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Autismo. 2. Personagem. 3. Literatura. 4. Inclusão. I. Neves, Cynthia Agra de  
Brito, 1972-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de  
Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Título em outro idioma:** The representation of autism in literature: an analysis of  
Mockingbird, by Kathryn Erskine

**Palavras-chave em inglês:**

Autism

Character

Literature

Inclusion

**Titulação:** Licenciado

**Banca examinadora:**

Cynthia Agra de Brito Neves [Orientador]

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Maria Viviane do Amaral Veras

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 26-06-2024

*Dedico esta monografia a toda comunidade autista do Brasil.*

## **Agradecimentos**

Ao Colégio Rio Branco Campinas, que me abriu portas e me proporcionou oportunidades com as quais apenas sonhava quando estudante de Letras.

À orientadora desta monografia, Cynthia Agra de Brito Neves, que tornou este processo da minha formação leve, divertido e instigante.

Ao Rafael Rodrigues, que apaziguou algumas angústias durante esta pesquisa e me auxiliou na formatação desta monografia.

A toda comunidade autista, com suas fascinantes mentes que me inspiram.

E, finalmente, à Universidade Estadual de Campinas, pois, sem ela, nada disso seria possível.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como o autismo é representado no romance *Passarinha* (*Mockingbird*). Nesse romance de Kathryn Erskine, Caitlin, uma menina com autismo leve (nível de suporte 1) de dez anos precisa enfrentar diversas dificuldades como a morte trágica do seu irmão mais velho, o trauma que a perda traz à sua família e outros problemas que encontra no ambiente escolar, lugar ao qual tem dificuldades de se adequar. Em *Passarinha*, Erskine apresenta o mundo através da visão de uma protagonista autista, permitindo que os leitores tenham uma experiência imersiva, que pode ajudar a entender o universo de uma mente autista para além dos estereótipos sintomatológicos. Para o embasamento da análise do romance, serão utilizados alguns conceitos-chave da psiquiatria e da psicologia acerca do Transtorno do Espectro Autista e outras teorias dos Estudos dos Letramentos. Serão destacados sintomas clínicos (comportamentais) relacionados ao autismo da narradora-personagem e, com base neles, analisarei: se a personagem autista no livro *Passarinha* apresenta sintomas ou comportamentos popularmente relacionados ao autismo; se a construção do seu perfil neurológico é fiel ao que a psiquiatria e a psicologia estabelecem como perfil neurológico em autistas situados na antiga síndrome de Asperger; se a construção da personagem apresenta ou rejeita estereótipos ligados ao autismo e, por fim, se a obra promove algum tipo de educação inclusiva em relação a pessoas neurodivergentes.

**Palavras-chave:** autismo; personagem; literatura; inclusão.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>8</b>
<b>3. OBJETIVOS.....</b>	<b>9</b>
<b>3.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>9</b>
<b>3.2 Objetivo Específico.....</b>	<b>9</b>
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
<b>5. AUTISMO: PERCURSO HISTÓRICO E SIGNIFICADO SOCIAL.....</b>	<b>11</b>
<b>6. RESUMO DAS OBRAS.....</b>	<b>16</b>
<b>6.1 Livro “Passarinha”, de Kathryn Erskine.....</b>	<b>16</b>
<b>6.2 Capítulo “Um antropólogo em Marte”, do livro “Um Antropólogo em Marte”, de Oliver Sacks.....</b>	<b>19</b>
<b>7. ANÁLISE E COMPARAÇÃO DAS PERSONAGENS AUTISTAS CAITLIN SMITH E TEMPLE GRANDIN.....</b>	<b>22</b>
<b>8. EXPERIÊNCIA COM PASSARINHA EM SALA DE AULA.....</b>	<b>30</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>39</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma síndrome do neurodesenvolvimento que vem ganhando, cada vez mais, representação na mídia, na literatura e na cinematografia. Desse modo, atualmente, é fácil encontrar filmes, séries e livros com personagens autistas, seja como coadjuvantes ou protagonistas, como é o caso do personagem Shaun Murphy (Freddie Highmore), da série *The Good Doctor*, (O Bom Doutor), um sucesso disponível na Globo Play. Esses personagens, de modo geral, são caracterizadas por comportamentos atípicos, como rigidez com relação à rotina, pouca ou nenhuma habilidade na interação social, interesses específicos e incomuns, algum(-ns) déficit(s) de linguagem, como a dificuldade na compreensão de ironia e sarcasmo etc. Esses comportamentos são comumente explorados para promover o humor, como, por exemplo, o personagem Sheldon Cooper, da série *The Big Bang Theory*, um físico autista que não permite que ninguém se sente em seu lugar no sofá, é *socially awkward*<sup>1</sup>, é obcecado por ciência e não entende sarcasmo. Aliás, vale contextualizar que o primeiro filme que tratou do tema foi o célebre *Rain Man*, de 1988, com Tom Cruise no papel de Charlie e Dustin Hoffman no papel de Raymond, o irmão autista que é capaz de resolver sofisticados problemas matemáticos de modo rápido e preciso.

Esses sintomas clínicos amplamente apresentados em séries, filmes e livros, segundo a psiquiatria e especialistas no assunto, são de fato observados em autistas, contudo, o Transtorno do Espectro Autista engloba indivíduos muito plurais, com sintomas que variam não apenas na quantidade, mas também na intensidade, o que justifica o surgimento do termo “Espectro Autista”, cunhado na década de 80 pela psiquiatra inglesa Lorna Wing (BERGAMASCHI, 2020, p.131). Por isso, insistir em representar o autismo com base em um conjunto enrijecido de sintomas comportamentais, além de deseducar os telespectadores e leitores no que tange à complexidade do autismo, também desumaniza o indivíduo autista, reduzindo-o a apenas um quadro sintomatológico.

Nesse sentido, surgiu o interesse de analisar a construção da personagem Caitlin, protagonista do romance *Passarinha* (Mockingbird), de Kathryn Erskine, pois todos os acontecimentos desse livro são narrados em primeira pessoa, através da perspectiva da personagem autista e de sua percepção de mundo, o que nos dá

---

<sup>1</sup> Termo utilizado para designar alguém que é considerado estranho por demonstrar comportamentos que fogem à “normalidade” social.

certa dimensão do quão complexa é a mente de um indivíduo como ela, demonstrando que esses, mesmo apresentando sintomas de seu desenvolvimento atípico, sentem empatia, entendem os sentimentos do próximo e são plenamente capazes de interagir socialmente.

## 2. JUSTIFICATIVA

Em 2021, comecei a trabalhar com crianças autistas na função de mediador escolar no Colégio Rio Branco Campinas. Como mediador escolar, minha principal função era adaptar os conteúdos da grade escolar do nono ano para um aluno autista, assim como acompanhá-lo nas aulas, auxiliando-o na realização das atividades em sala de aula e na compreensão do conteúdo. Ao iniciar essa experiência enriquecedora, percebi que tudo o que eu sabia sobre o autismo se devia ao que eu havia visto em filmes e séries, nos quais o autismo costuma ser representado com base em estereótipos que pintam o autista como uma máquina desprovida de sentimentos, com capacidade de memória acima da média e como alguém que pode entrar em “pane” a qualquer momento. Esses estereótipos, por vezes equivocados e injustificados, impactaram negativamente no meu conceito do que seria o autismo e de como seria uma pessoa situada no espectro de autista.

Desfazer tais impressões só foi possível graças ao meu trabalho cotidiano e contato direto com os autistas, contato esse que me despertou o interesse em estudar, aprender e entender melhor como a literatura – e, de certa forma, a mídia – representa(m) os indivíduos com TEA.

Considerando minhas experiências prévias e tudo aquilo que aprendi com a representação de personagens autistas em filmes, séries e livros, nos quais eles sempre são descritos a partir da percepção de terceiros – cujas percepções fundamentam-se em sintomas comportamentais estereotipados, tal como descrito na introdução deste da pesquisa –, considero importante analisar como o autismo é representado na obra literária *Passarinha* (Mockingbird), de Kathryn Erskine, que trata de uma narradora-personagem autista.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Com base na perspectiva teórica da psiquiatria e da psicologia sobre o autismo, suas delimitações clínicas e suas dimensões sintomáticas, esta pesquisa tem como objetivo analisar a construção da personagem autista Caitlin, do livro *Passarinha* (Mockingbird), de Kathryn Erskine, visando investigar a construção da narradora-personagem a fim de identificar se ela é fidedigna ao que diz a psiquiatria e a psicologia ou se é construída com base em estereótipos acerca do autismo.

#### **3.2 Objetivo Específico**

Analisar se a narrativa construída por meio da visão da personagem autista Caitlin permite ao leitor entender melhor como pessoas no espectro autista percebem e interagem com o mundo para além do que se conhece popularmente com base em estereótipos, assim como identificar se a obra a ser analisada pode ajudar, de modo educativo, para a promoção da sensibilização acerca do autismo e, conseqüentemente, um meio de promover a inclusão de pessoas neurodivergentes.

#### 4. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, usarei como fundamentação teórica os seguintes textos: “Família e Autismo: Uma Revisão da Literatura (2012)”; “Autismo: neuroimagem (2006)”; e “Autismo e a Mente Técnica (2004)”, além dos capítulos “Personagens e tipos”, “A perspectiva na construção da personagem” e “Padrões de realização”, do livro *A construção da personagem*; o capítulo “A linguagem literária”, do livro *O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários* e o livro *A personagem de Ficção* para a fomentação da base teórica sobre o processo de construção de personagem em obras de ficção literária. Antes mesmo de ter as bases teóricas construídas, farei a releitura do livro *Passarinha*, de Kathryn Erskine, para analisar:

1. Como a autora constrói a narradora-personagem;
2. Como o quadro autista da personagem é representado;
3. Como a personagem é percebida;
4. Como a personagem percebe o mundo sob a perspectiva do autismo.

Os tópicos mencionados acima serão descritos e, com base nos aportes teóricos sobre o autismo e o processo de construção de personagens fictícios. Analisarei se o modo como a autora representa o autismo em sua obra pode ou não contribuir positivamente para a diminuição da percepção preconceituosa acerca do autismo e de seus estereótipos.

## **5. AUTISMO: PERCURSO HISTÓRICO E SIGNIFICADO SOCIAL**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), ou simplesmente autismo, é atualmente definido como um transtorno neurológico que se manifesta na primeira infância e afeta o desenvolvimento da criança, impactando principalmente as áreas da linguagem, da cognição, áreas motoras e, conseqüentemente, aspectos sociais dela (ASUNCIÓN et al, p. 42, 2018). O autismo organiza-se em um espectro, isto é, seu grau e seus sintomas variam de indivíduo para indivíduo. Os primeiros casos de autismo foram identificados no início do século XIX, na Europa. Tais casos diziam respeito à observação comportamental de pessoas que apresentavam comportamentos “anormais” ou considerados “estranhos”. Devido à falta de conhecimento acerca do autismo à época, aquelas pessoas eram identificadas como “esquizofrênicas”, termo que foi utilizado para se referir à grande parte dos sujeitos neurodivergentes.

O modelo social do início do século XIX, influenciado pelo Positivismo de Augusto Comte, tendia a rejeitar aqueles que se comportavam de modo inadequado ou que exibiam comportamentos na contramão do ideal que a “igreja positivista” considerava como normal. O termo “docilidade de corpos”, empregado por Foucault (1999), aparece para justificar as atrocidades por trás dos hospitais psiquiátricos da época, que cuidavam de retirar do convívio social aqueles que não poderiam ser domados pelas leis sociais de comportamento, ou seja, autistas, esquizofrênicos e outros pacientes psiquiátricos (BERGAMASCHI, 2020, p. 124). Desse modo, observa-se que, historicamente, o autismo, assim como o Transtorno do Déficit de Atenção (TDA), foi estigmatizado e vinculado a termos pejorativos como “esquizofrenia” e “retardadismo”.

Após muitos anos sendo tratado como esquizofrenia, o termo “autismo” foi cunhado pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler em 1908. No entanto, mesmo sendo identificado à parte da esquizofrenia, ainda se acreditava que os pacientes autistas situavam-se neurologicamente dentro da esquizofrenia. Anos depois de Bleuler, o psiquiatra austríaco Leo Kanner publicou um artigo defendendo que o autismo se tratava de um novo transtorno, diferente da esquizofrenia, e então o autismo ganhou um novo nome: “Distúrbio Autístico do Contato Afetivo”. Inicialmente, Kanner argumentou que o autismo tinha uma causa congênita, pois todas as crianças observadas por ele apresentavam os sintomas já na primeira infância. Em 1948, o autor publicou um outro texto no qual sugeriu que o autismo era causado pela falta

de afetividade dos pais, criando o termo “mãe geladeira” (LOPES, 2017). Em 1966, em novo artigo, ele defendeu que o autismo era algo inato do indivíduo e, portanto, não poderia ser causado por um fator externo. Apesar de conter alguns equívocos, as percepções de Kanner foram muito relevantes para o entendimento inicial do autismo, assim, em 1980, sua definição de autismo entrou nos manuais de psiquiatria (BERGAMASCHI, 2020, p.128).

Outro psiquiatra austríaco publicou um artigo sobre crianças autistas: Hans Asperger. Asperger fez relatos de crianças com problemas sociais, porém altamente funcionais<sup>2</sup>. Apesar de apresentar uma distinção desses autistas em relação aos reportados por Kanner, o termo “psicopatia autística” cunhado por Asperger não teve relevância suficiente para se manter nos manuais de psiquiatria, sendo inserido em 1994 e retirado em 2013 (TAMANAH; PERISSINOTO; CHIARI, 2008). A justificativa para isso foi que o autismo de Asperger não se tratava de um transtorno à parte daquele de Kanner, mas de uma variação dele.

Mesmo sob essa nova gama de diagnósticos que separavam os autistas dos esquizofrênicos, não havia, àquela época, esforços no sentido de promover a inserção de crianças autistas à sociedade. Com o Positivismo de Comte e a ideia de “higienização” social, essas crianças eram “tratadas” exclusivamente em instituições psiquiátricas, como hospitais, clínicas e até hospícios. Apenas a partir da década de 70, nos Estados Unidos, escolas passaram a desenvolver programas de inclusão para crianças autistas (BERGAMASCHI, 2020, p. 131). Considerando o atraso na inserção dessas crianças em escolas, é possível imaginar que o esforço em “normalizar” o comportamento dos pacientes autistas era pouco efetivo, uma vez que a socialização escolar desempenha grande papel na formação da subjetividade e da adequação social da criança, seja ela autista ou não (BORSA, 2017).

Nas últimas décadas do século XX, o conhecimento científico acerca do autismo experienciou grandes avanços; houve a inserção - lenta - de alunos autistas em escolas e o conceito de “espectro” foi, pela primeira vez, proposto pela psiquiatra inglesa Lorna Wing. Wing defendeu que havia mais de um tipo de autismo e não apenas um, como propusera Kanner. Ela utilizou primeiro o conceito de “*continuum* autista” para explicar que o autismo organizava-se em diversos graus

---

<sup>2</sup> O termo “funcional” aqui utilizado se refere aos padrões comportamentais que a sociedade, de modo geral, espera que uma criança, jovem e adulto atinjam, de acordo com sua faixa etária.

(BERGAMASCHI, 2020). Cerca de dez anos após cunhar esse conceito, a autora propôs trocá-lo por “espectro autista”, justificando que “*continuum*” sugeria uma linearidade que poderia prejudicar o enquadramento de diagnósticos específicos. Desse modo, em 1994, o termo “Transtorno do Espectro Autista” (TEA) foi inserido no DSM-IV, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (BERGAMASCHI, 2020, p. 132).

Atualmente, o autismo é um transtorno neurológico amplamente conhecido pela psiquiatria, psicologia e psicopedagogia. Graças ao conhecimento cada vez maior sobre o quadro autístico e sem o estigma da esquizofrenia, pessoas no espectro autista, dependendo da severidade do quadro sintomatológico, podem interagir socialmente com pouco ou nenhum suporte de profissionais e especialistas da área da psiquiatria. Como exemplos de autistas plenamente funcionais, é possível citar Greta Thunberg (ativista e ambientalista), Anthony Hopkins (ator), Susan Boyle (cantora), Daryl Hannah (atriz), Temple Grandin (psicóloga, zootecnista e pesquisadora) e Letícia Sabatella (atriz brasileira), recentemente diagnosticada. Todos conhecidos na mídia devido aos seus trabalhos exímios em suas respectivas áreas. Portanto, apesar de ainda apresentarem algumas dificuldades de interação social, observa-se que o autismo não necessariamente significa uma vida limitada, logo, não deve ser tratado como uma deficiência.

No que concerne ao desenvolvimento linguístico dos sujeitos autistas, segundo muitos autores, a linguagem é um fator vital na construção da subjetividade e sua aquisição se dá por meio do convívio social. Nesse sentido, pode-se inferir que a linguagem do autista, que normalmente se desenvolve de modo atípico, está diretamente ligada à sua dificuldade de se relacionar socialmente e vice-versa, o que cria um ciclo vicioso, pois o contato social é afetado por uma linguagem subdesenvolvida e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da linguagem é afetado por um convívio social reduzido ou atípico (COLAÇO, 2004).

Desse modo, apesar de a maioria dos autistas desenvolver plenamente a fala, a leitura e a escrita, muitos ainda apresentam déficits, por exemplo, na compreensão de alguns recursos da língua como figuras de linguagem - que exigem abstração do concreto -, tais como: a metáfora, a metonímia, a hipérbole, o eufemismo, o sarcasmo, etc. Isso ocorre porque as figuras de linguagem requerem um repertório de conhecimentos e uma capacidade de abstração, além de uma capacidade de análise, comparação, substituição e paralelismo.

Além das questões ligadas diretamente à aquisição da linguagem por meio da interação social, os sujeitos autistas apresentam ainda perdas na comunicação e dificuldades de compreensão de elementos comunicativos não verbais como gestos, sinais, imagens, expressões faciais e expressões corporais, em razão de uma formação sensorial diferente com hiper ou hipossensibilidade.

Atualmente, o autismo também pode ser associado a comorbidades como epilepsia, DI (Deficiência Intelectual), TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade), TDA (Transtorno de Déficit de Atenção), TA (Transtorno de Ansiedade), TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), problemas de sono, depressão, assim como hiper sistematização de ações rotineiras, restrições alimentares e alergias (BERGAMASCHI, 2020, p. 137).

O autismo passou por diversas fases, desde ser considerado um tipo de esquizofrenia, como discutido no início deste capítulo, até integrar o DSM, em 1980, como um quadro sintomatológico à parte. No DMS, o autismo sofreu mais quatro alterações. Dentre elas, está a do conceito de Hans Asperger, que passou do *status* de uma variação do autismo para um grau de autismo, sendo este considerado “leve”. Essa alteração, além de tornar inadequado o uso do termo “asperger”, impactou no número de diagnósticos positivos para os casos de autismo, pois abrange indivíduos autistas com sintomas mais leves. Esse aumento no número de laudos revela que os procedimentos de diagnóstico utilizavam uma régua do “ser normal”, isto é, apenas os indivíduos com graus de autismo mais altos eram considerados pertencentes ao espectro.

Além disso, deve-se mencionar um outro fator agravante para o diagnóstico do autismo: a falta de evidências biológicas. Um autista não apresenta, obrigatoriamente, características físicas que evidenciem o distúrbio (BERGAMASCHI, 2020, p.142). Há dados que mostram que uma porcentagem de crianças autistas apresentam uma massa cerebral com determinadas áreas maiores que aquelas de crianças neurotípicas, contudo esse aumento da massa cerebral não é evidenciado em todos os autistas (Gadia et al, 2004, apud BERGAMASCHI, 2020, p. 17).

A quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais usa critérios comportamentais para diagnosticar o autismo, sendo estes majoritariamente pautados em déficit de respostas esperadas a certos estímulos, interesses que expressam rigidez, padrões de repetição de ações e hipo ou

hiperatividade resultantes de estímulos sensoriais. Atualmente são utilizados testes comportamentais como o "Childhood Rating Scale" (CARS) para realizar o diagnóstico autista. Este teste utiliza uma escala de 15 a 60 pontos para definir se a criança é autista ou não. De acordo com essa escala, a criança é considerada não autista caso atinja até 29 pontos, e, a partir de 31, é diagnosticada como autista.

Nesse sentido, a patologização do autismo feita apenas com base em critérios clínicos observados por meio do comportamento da pessoa - torna-se questionável, porém, em contrapartida, a ideia de que o autismo é, na verdade, uma marca identitária de determinada população ganha cada vez mais relevância (DURANTE, 2012). Nessa linha, valida-se a fomentação do conceito de "neurodiversidade" em oposição à patologia para os sujeitos que apresentam um quadro sintomatológico mais brando (antiga Síndrome de Asperger). Além disso, esse grupo de pessoas com autismo com comportamento "neurodiverso" pode ser plenamente funcional no quesito social, não necessariamente apresentando limitações físicas. Contudo, embora se reconheça que essas pessoas podem (e devem) usufruir de convívio social, ainda se está caminhando para um estado de inclusão absoluta. Nesse sentido, ainda é necessário um esforço enorme desse grupo neurodiverso para se adequar ao *modus operandi* da sociedade constituída majoritariamente de sujeitos neurotípicos.

## 6. RESUMO DAS OBRAS

### 6.1 Livro “Passarinha”, de Kathryn Erskine

O livro *Passarinha*, ou *Mockingbird* no título original, é um romance infantojuvenil fictício da autora americana Kathryn Erskine. Publicado em janeiro de 2010 pela editora *Puffin Books*, nos Estados Unidos, e Valentina, no Brasil, *Passarinha* concorreu aos prêmios *National Book Award: Literatura Juvenil*, *Goodreads Choice Awards* de Melhor Infantojuvenil e Infantil, *Golden Kite Award for Fiction*, vencendo o prêmio *National Books Awards* nos Estados Unidos. A edição brasileira traz uma nota de tradução essencial para a compreensão de termos recorrentes na história, como “armário” (*chest*), “matar passarinho” (*to kill a mockingbird*) e “escoteiro” (*scout*), que aparecem tanto isoladamente como inter-relacionados.

O romance tem como protagonista a personagem Caitlin Smith, uma menina de dez anos com autismo (nível de suporte 1, antiga síndrome de Asperger), cuja vida é tragicamente alterada pela morte de seu irmão mais velho, Devon Smith, vítima de um assassinato em massa em sua escola (*school shooting*), Virginia Dare School.

Com o autismo e as tragédias provenientes dos massacres escolares - muito comuns nos Estados Unidos, país que historicamente é leniente com o porte de armas de fogo por civis - como temas centrais, o livro, por meio de conflitos diários, explora as relações interpessoais de Caitlin nos ambientes familiar e escolar, expondo as barreiras que uma pessoa com autismo pode enfrentar no seu dia a dia devido ao seu quadro sintomatológico, assim como o processo de superação do luto das famílias atingidas pelas perdas de seus entes em massacres escolares.

Caitlin Smith é uma aluna do ensino fundamental I (*Elementary School*) que enfrenta dificuldades diárias em seu ambiente escolar, dificuldades essas que variam desde compreender o modo como o regime escolar funciona até como se relacionar com colegas, que a veem como “esquisita” pelo seu jeito diferente de ser. Por esse motivo, Caitlin tem dificuldades de fazer amizades, pois os colegas de turma/escola a consideram “estranha” e até mesmo meio “pedante”. Caitlin, por sua vez, gosta das coisas em preto e branco (no sentido literal e figurativo), como representado em seus desenhos realísticos provenientes da sua notória habilidade de desenhar. Além de ter que lidar com essas dificuldades escolares, a protagonista enfrenta o luto e a perda de seu irmão ao seu modo, referindo-se a ele como “o

Devon que morreu”, expressão essa que a ajuda a concretizar a morte de seu irmão e a aceitar a dolorosa tragédia ocorrida.

Caitlin faz consultas semanais com sua orientadora pedagógica, a Sra. Brooks, que, em busca de ajudá-la a fazer amigos - algo que parece não ser natural para a protagonista -, coloca-a para passar os recreios com as crianças do Ensino Infantil na esperança de que essas crianças, por serem mais jovens, sejam mais receptivas com as diferenças.

Caitlin experiencia, então, uma vivência escolar solitária - porque também prefere que não invadam seu espaço pessoal -, até conhecer Michael, um aluno do último ano do Ensino Infantil com quem se sente confortável. Michael, assim como Caitlin, apresenta um comportamento considerado “diferente” daquele dos colegas da mesma faixa etária, o que sugere que ele também esteja situado no espectro autista.

Além do jeito diferente de agir, Caitlin e Michael também têm o luto em comum, uma vez que a mãe de Michael, uma professora do Ensino Médio, também havia sido vítima fatal no mesmo episódio de *school shooting* no qual Caitlin perdeu Devon. Com o luto e a exclusão social em comum, Caitlin e Michael se tornam amigos e, posteriormente, juntam-se também a Josh, menino do mesmo ano escolar de Michael que sofre *bullying* em razão de ser primo do autor do massacre que matou Devon e a mãe de Michael. Entretanto, em sua trajetória de autoconhecimento e desenvolvimento de habilidades sociais, com um exemplo exímio de empatia, Caitlin e Michael entendem que Josh não é culpado pelos atos do primo e aceitam-no em seu círculo social.

Caitlin, Michael e Josh desenvolvem, então, uma amizade que faz com que Caitlin comece a refletir sobre as relações interpessoais, tornando-se mais flexível sobre a necessidade de ter amigos, de confiar nas pessoas, o que a leva a buscar a amizade em seus *peers*, isto é, crianças da sua faixa etária. Essa tentativa leva a protagonista a experimentar o *bullying* escolar, o que a faz se sentir diferente dos outros, e também a refletir sobre o significado de “ser diferente”. Por esse motivo, Caitlin se sente desencorajada a construir novas amizades, voltando a se relacionar apenas com Michael e Josh.

Contudo, após entenderem o que significa “ser autista”, as meninas “populares” da escola se tornam mais sensíveis às diferenças e passam a aceitar Caitlin e a

enxergar suas qualidades em oposição aos seus traços considerados socialmente estranhos.

Em seu ambiente familiar, formado apenas por Caitlin e seu pai, uma vez que sua mãe morrerá de câncer há alguns anos antes do presente momento da história, Caitlin, aos poucos, compreende o que significa a morte e sua maior consequência: a saudade. Mesmo assim, acredita que o irmão possa continuar existindo por meio do armário de escoteiro que ele começara a construir para ganhar o título de escoteiro águia, nível mais alto de honraria dos *Scouts*, como se o armário o mantivesse conectado à vida, como um negócio inacabado que precisa ser concluído. Em sua busca por uma cura, ou desfecho (*closure*), Caitlin passa a buscar formas de superar a morte do irmão de modo sistemático. Assim, a personagem principal passa momentos do seu dia contemplando o quarto do irmão - quarto este que havia ficado trancado a pedido do seu pai - em busca de pistas de como conseguir superar a dor da perda de um ente querido. Após muitas reflexões, Caitlin decide que a cura (desfecho) apenas será possível se ela concluir o trabalho que seu irmão deixou por terminar: o armário dele. Então, ela se dedica primeiro a convencer seu pai de que é necessário terminar o armário de Devon, pois, segundo argumenta, isso é o que o irmão gostaria que fizessem. Seu pai, ainda tomado pela dor e pelo luto, recusa-se em um primeiro momento, porém, com o tempo, acaba cedendo. Os dois passam então a trabalhar juntos a fim de terminar o tal armário. Caitlin usa sua grande habilidade com desenhos para ilustrar um passarinho (*mockingbird*) e decora uma das portas do armário com esse desenho, sugerindo que o pássaro que estava preso se libertara. Esse processo, além de trazer a cura a Caitlin, também ajuda seu pai, após um longo período de luto, a encontrar a paz, além de torná-los mais próximos um do outro.

A edição em português traz um nota de tradução que aprofunda o sentido do armário, pois, em inglês, a palavra utilizada para esse tipo de armário é "*chest*", que também significa "peito", simbolizando a parte do corpo em que Devon fora atingido pela bala que o matou. Esse momento da história faz referência ao clássico romance americano "*To kill a mockingbird*", livro preferido de Devon. O título desse romance, segundo Devon explicara a Caitlin, refere-se a matar algo inocente e frágil, ou seja, uma analogia ao assassinato de crianças em massacres escolares.

Após terminarem o armário, Caitlin e seu pai decidem doá-lo para o colégio onde Devon fora assassinado, *Virginia Dare School* - mesmo colégio onde Caitlin

estudará após concluir o ensino fundamental I - como modo de eternizá-lo. A doação do armário de Devon acontece na cerimônia em homenagem às vítimas do *school shooting*, no qual estão presentes Michael e seu pai. Após observarem a amizade de Caitlin e Michael, seus pais passam a conversar, criando uma rede de apoio entre si, o que também traz um desfecho à família de Michael. Ao final da cerimônia, Caitlin é presenteada com uma caixa de giz de cera por uma das professoras da sua futura escola. A partir desse momento, ela decide tentar desenhar com cores, algo que até então se recusava a fazer, indicando que, a partir daquele momento, sua vida teria mais cores. Nesse ato, a protagonista sente que finalmente obteve seu desfecho e que pode seguir adiante, deixando o luto para trás.

O livro tem um desfecho positivo, pois Caitlin acaba aprendendo a ter mais facilidade para entender conceitos como empatia e amizade e aprende a lidar melhor com a perda do irmão, indicando que uma pessoa com autismo pode desenvolver plenamente a empatia e as compreensões essenciais dos *modus operandi* da sociedade, desde que haja inclusão - e compreensão - social.

## **6.2 Capítulo “Um antropólogo em Marte”, do livro “Um Antropólogo em Marte”, de Oliver Sacks**

O livro *Um antropólogo em Marte* (1996) é composto por sete histórias reais narradas pelo psiquiatra e escritor inglês Oliver Sacks (1933 - 2015). Cada história é um relato de experiência de Sacks com seus pacientes-personagens, em que destaca as especificidades de cada um. A narrativa atrai os leitores para o fascinante mundo por trás das diferentes mentes de pessoas com algum tipo de característica neurodivergente.

No último capítulo, cujo título é o mesmo do livro (“Um antropólogo em Marte”), Sacks apresenta a história de Temple Grandin (76 anos), uma pessoa do espectro autista, professora e pesquisadora universitária, autora de diversos trabalhos sobre zootecnia e criação e abate de gado de corte, além de ter publicado a sua autobiografia.

Neste capítulo, Sacks começa com uma breve explicação e revisão histórica acerca do autismo, do quadro sintomatológico mais comum ao autismo e apresenta o termo “*savants*” (sabedores) criado por ele mesmo para se referir aos portadores de autismo com sintomas leve (chamados de aspergers à época). Ao longo do capítulo, Sacks detalha o tratamento dado ao caso de Temple Grandin, assim como descreve uma breve biografia dela, fazendo paralelos entre a perspectiva da psiquiatria sobre o autismo e as experiências vividas por sua protagonista. De modo geral, por se basear em suas vivências com Grandin, o autor coloca o foco no autismo de alto funcionamento (nível de suporte 1), fazendo apenas breves menções dos casos de autismo severos, nos quais os pacientes têm limitações significativas.

Desse modo, Sacks discorre sobre as grandes conquistas de Grandin devido ao seu hiperfoco em engenharia, zootecnia e pesquisa científica, colocando seu quadro autístico, muitas vezes, como algo vantajoso.

Além de colocar os talentos acadêmicos de Grandin no centro da discussão, Sacks apresenta características pessoais da protagonista-paciente, como, por exemplo, sua busca em tornar o abate de gado de corte mais humanizado. Tal projeto deve-se à empatia que Grandin sente pelos animais, o que frustra a expectativa dos leitores, uma vez que pessoas com TEA são muitas vezes erroneamente consideradas como desprovidas de sentimentos.

Em seus relatos ao psiquiatra, Grandin expõe suas dificuldades pessoais com as quais sofre desde a infância - fase mais crítica da vida com autismo - até a vida adulta. A protagonista revela ter tido sempre dificuldades de se relacionar com pessoas, mesmo que próximas. Ela também confessa sentir desconfortos com texturas, sons e cheiros específicos, assim como com o contato físico com outras pessoas. Grandin conta ainda que seu interesse pelos animais surgiu devido a um *insight* que teve ao relacionar os animais aos autistas, pois, segundo ela, ambos se assemelham no modo como percebem o mundo, já que tanto os animais como as pessoas portadoras de autismo pensam por imagens. Pensar por imagens significa pensar nas coisas como partes individuais de um todo, i.e, prestar muita atenção em um ponto específico de um conceito, mas não conseguir relacioná-lo com outros. Não há meios que comprovem que os animais, de fato, pensam dessa forma, porém, essa analogia de Grandin corrobora com o traço autista do hiperfoco e da falta de habilidade de percepção holística, comum às pessoas com TEA. Contudo, devido à sua forma de ver o mundo - semelhante à dos animais -, em seus estudos sobre esteiras de abate, a protagonista conseguiu perceber o que especificamente deixava os animais aflitos. Essas coisas, conforme relata, eram “detalhes” que passavam despercebidos a pessoas neurotípicas, como o barulho de correntes, o balançar da esteira e a escuta de outros animais sendo abatidos. Assim, por meio da própria percepção, por pensar como os animais, Grandin desenvolveu um sistema de esteira de abate que não estressa os animais por não permitir que saibam o que está por vir, promovendo uma morte mais humanizada e digna.

Ao ser questionada por Sacks, a protagonista revela também sua percepção sobre outras relações interpessoais, como as relações amorosas, enfatizando que não compreende muito o *modus operandi* delas e, mesmo que sinta falta de alguns aspectos dessas relações, prefere abster-se das mesmas. Grandin confessa que quando criança sentia vontade de abraçar seus pais, porém não suportava a sensação de outro corpo junto ao dela. Assim, já na vida adulta, inventou uma “máquina do abraço”: uma estrutura semelhante a uma poltrona projetada para simular um abraço, apertando o usuário na altura do tronco. Esse relato da protagonista pode até soar cômico, porém, revela um pouco a complexidade do autismo e permite que o leitor se torne mais sensível às questões autísticas.

Mesmo com algumas dificuldades de compreender os diversos tipos de relações presentes na sociedade e de receber e processar estímulos sensoriais de

modo diferente dos outros, Grandin alega que não gostaria de não ser autista e que não escolheria ser neurotípica se pudesse. Isso porque, mesmo com dificuldades mais graves na infância - ao ponto de quase ter sido abandonada pelos seus pais em uma clínica psiquiátrica na primeira infância -, ela entende que o autismo é parte de quem “é” em oposição a algo que “tenha”, como se fosse uma patologia.

Por fim, compreendemos o título: é devido a suas dificuldades de compreender os outros seres humanos em suas relações cotidianas, que Grandin se autoapela de “um antropólogo em Marte”, sugerindo que ela é uma estudiosa do comportamento humano tentando entender uma espécie extraterrestre, muito diferente de si mesma.

Além de abordar questões do autismo de modo relativamente leve e cômico, Sacks, no capítulo sobre Temple Grandin, consegue evocar emoções de empatia no leitor, ampliando vastamente o entendimento deles não apenas sobre o autismo sob a óptica da psiquiatria e da psicologia, mas também sobre a óptica de um ser humano com autismo que entende a si mesmo e entende o que o mundo ao seu redor espera dele.

## **7. ANÁLISE E COMPARAÇÃO DAS PERSONAGENS AUTISTAS CAITLIN SMITH E TEMPLE GRANDIN**

Ao observar o modo como o autismo é retratado em obras como filmes, livros, séries e até mesmo desenhos animados (como, por exemplo, o *Big Mouth*), torna-se claro que, na grande maioria das vezes, o quadro autístico é retratado com base em uma variação de estereótipos cuja função parece ser a de ridicularizar o sujeito com autismo e, desse modo, trazer um tom cômico à obra.

Devido a esses estereótipos, esses personagens são construídos de modo que apresentem os mesmos sintomas: rigidez e resistência a mudanças repentinas, interesses obsessivos por coisas específicas, falta de habilidades sociais nas interações com o outro – o que, muitas vezes, em prol da comédia, faz com que pareçam mal-educados –, falta de afeto com aqueles que são próximos, evitando contato físico, e aptidão ou superabilidade, geralmente nas áreas das ciências ou matemática.

Contudo, há algumas obras que tratam o sujeito/personagem portador de autismo com maior fidelidade, valendo-se de suas características sintomatológicas para também educar o público e, assim, explorar o autismo de modo menos estereotipicamente. Um exemplo desse tipo de abordagem é a personagem Caitlin Smith, cuja descrição, conforme será verificado ao longo deste capítulo, é fiel ao que a psiquiatria e a medicina dizem sobre o comportamento geral de um autista de suporte 1 (GAIATO et al, 2024) com base em seu quadro sintomatológico.

Para buscar evidências nesse sentido, vale, em um primeiro momento, expor episódios/cenas do comportamento da personagem que condizem com o quadro de sintomas do transtorno autista, compará-lo com o comportamento de uma personagem não fictícia, Temple Grandin, e, por fim, validá-lo com base em textos sobre o assunto, incluindo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), que determina o que de fato faz ou não parte do quadro autístico.

É necessário ressaltar que, para essa comparação, é importante não apenas validar esses comportamentos como verídicos ou não, mas também entender o contexto e o modo como esses são retratados, para, por fim, determinar se seu objetivo pode ser caracterizado como educativo.

Para organizar a análise, o comportamento das personagens será discutido em partes, buscando abordar todas aquelas que, de modo geral, constituem os pilares do quadro sintomatológico do autismo, sendo elas: as relações sociais, a demonstração de hiperfocos e de superdotação, a comunicação (capacidade de entender aspectos não concretos da língua, assim como se expressar verbal e não verbalmente), as estereotipias (gestos repetitivos sem função aparente), o emocional (capacidade de compreender os sentimentos dos outros e de expressar os próprios) e, por fim, a rigidez a mudanças abruptas de rotina (SANTOS, 2020). Esses sintomas não foram aqui organizados em ordem de importância.

Como ponto de partida, as características de Caitlin Smith constituem, na maior parte do tempo, aquelas de um sujeito com autismo de alto funcionamento padrão: demonstra preferência por atividades individuais em oposição àquelas em grupo, como uma espécie de fuga às interações com pessoas desconhecidas. Para exemplificar, é possível citar momentos na obra em que Caitlin se recusa a fazer atividades escolares com os colegas da mesma turma (*peers*<sup>3</sup>), no momento que é

---

<sup>3</sup> Termo em inglês utilizado para descrever um grupo de pessoas com as quais um indivíduo se identifica por dividirem semelhanças (faixa etária, classe social, estilo, gostos, etc.)

solicitada pela professora ou mesmo quando demonstra preferir interagir com crianças mais novas por se sentir mais confortável com elas do que com seus pares.

O mesmo é observado no comportamento de Temple Grandin, uma vez que ela expressa ter preferência por passar seu tempo livre, quando não está em seu ambiente de trabalho, sozinha. Como adendo, é necessário acrescentar que, em certas obras – com ênfase nas séries de TV –, esse comportamento é distorcidamente representado para fins de dinamismo literário/televisivo. Do contrário, as personagens com TEA retratadas nas séries, filmes e livros estariam sozinhas na maior parte de suas cenas ou teriam que as compor sempre em algum ambiente onde a interação fosse mandatória.

No que tange ao ponto de vista das áreas de estudo de transtornos mentais, esse tipo de comportamento deve-se à dificuldade de sujeitos com autismo de engajar em atividades ou conversas que fogem ao seu interesse (NASCIMENTO et al., 2023). Outro ponto relevante é que, devido ao estigma e preconceito direcionado a pessoas neurodivergentes, costuma haver pouco ou nenhum esforço da parte dos pares de construir vínculos com crianças neurodivergentes, o que agrava a dificuldade de socialização. Esse ponto é visto em diversos momentos ao longo de *Passarinha*, quando Caitlin tenta de alguma forma, após a insistência de sua professora, integrar-se ao grupo de meninas da sua sala, porém essas tentativas, pelo menos no início, são frustradas por comentários inadequados e respostas exageradas aos comportamentos considerados socialmente “estranhos”. Desse modo, sentindo-se ainda mais solitária depois de sofrer *bullying* das colegas, Caitlin passa a ter maior resistência a interações no ambiente escolar.

Além das dificuldades de compreender e seguir os protocolos de convívios sociais, há um outro ponto que deve ser considerado: muitos sujeitos com TEA não se orientam pelas relações interpessoais, as quais, a longo prazo, visam construir relações duradouras pelo simples fato de se relacionar romanticamente com outro indivíduo, uma vez que esse tipo de relação envolve muitos códigos sociais que lhes passam despercebidos.

Desse modo, como a própria etimologia do termo “autismo<sup>4</sup>” sugere, pessoas com autismo têm percepções diferentes sobre a importância de se relacionar (SILVA

---

<sup>4</sup> A etimologia da palavra autismo vem do grego “autos”, que significa si mesmo, que traduz uma condição do ser humano. Assim, o autismo é um estado onde o indivíduo vive para si mesmo, ou seja, uma condição onde o mesmo está imerso em si próprio.

e HOLLERBUSCH, 2001). Para evidenciar esse último exemplo, é possível resgatar relatos de Grandin quando questionada por Sacks sobre sua vida amorosa. Em resposta à pergunta do médico, a personagem diz que já teve curiosidade de ir em um encontro, contudo não saberia o que fazer, nem como agir e muito menos como nutrir esse tipo de relação.

Desse modo, observa-se que para as pessoas no espectro autista o impulso de buscar construir quaisquer tipos de relacionamento é menor, seja uma relação de amizade ou um relacionamento amoroso. Isso, por outro lado, não quer dizer que essas pessoas nunca desenvolvem esses tipos de relação, porém indica que, ao longo de toda uma vida, um sujeito no autismo terá se relacionado com um número consideravelmente menor de pessoas se comparado a um sujeito neurotípico.

No que diz respeito aos hiperfocos, ambas as personagens atendem a esse estereótipo, que, de fato, é muito comum ao autismo. Caitlin demonstra um interesse especial em desenhar – o que também é relatado em outro personagem não fictício do livro de Sacks – e lida com esse *hobby* como se fosse uma terapia, utilizando-o também para se expressar e colocar em imagens o que tem dificuldade de manifestar em palavras. Temple, por sua vez, dedica-se às ciências e aos animais. Ambas as personagens costumam dedicar o seu tempo livre aos seus hiperfocos, o que, como veremos a seguir, justifica boa parte das altas habilidades, uma vez que “a prática leva à perfeição”.

Mesmo com inúmeras evidências clínicas desse aspecto do TEA, a literatura psiquiátrica e de transtornos mentais não apresenta uma explicação conclusiva do motivo pelo qual pessoas no autismo apresentam interesses superespecíficos (NASCIMENTO et al., 2023), contudo é possível intuir que tais interesses constituem um montante de assuntos/ações que lhes fazem sentido ou que lhes despertam áreas específicas do cérebro, o que lhes permitem executar essas funções sem grandes esforços. Assim, é possível concluir que há um “talento” inato desses sujeitos que torna essas atividades não só prazerosas, mas mentalmente instigantes.

No caso do autismo, além dos motivos já postos, o interesse exclusivo em atividades seletas se dá também por uma dificuldade de se envolver em atividades múltiplas, uma vez que isso é uma particularidade de pessoas neurotípicas que, por estratégia para ampliar sua capacidade de socialização com outros indivíduos, ampliam seus gostos para estarem inseridas em diversos grupos sociais distintos e,

assim, aumentar suas chances de pertencer e serem aceitas em seus nichos. Contudo, no autismo, a necessidade de se interrelacionar aparece de modo reduzido e, por essa razão, esses indivíduos se dedicam apenas às atividades que realmente lhes interessam.

Assim, é possível supor que a questão do hiperfoco no autismo é tanto um traço inerente ao transtorno, ou potencializado por um outro elemento autista, o social, no caso.

Como foi possível observar tanto na história de Caitlin como na de Temple, habilidades acima da média e supertalentos estão presentes na construção de ambas as personagens. Para esses traços autísticos, há mais estudos – mesmo que inconclusivos – que tentam explicar de que modo e por que isso acontece (CIPRIANO e ZAQUEU, 2022).

Segundo muitos psiquiatras e estudiosos da anatomia cerebral voltada ao TEA, o autismo, apesar de ser apenas diagnosticável clinicamente, pode expressar algumas características anatômicas em comum. Um estudo que analisou os cérebros de autistas aferiu que, em muitos casos, há um crescimento anormal do cérebro em algumas partes específicas (BERGAMASCHI, 2020). Esse crescimento, seguindo as hipóteses médicas, dá-se devido ao uso excessivo, constante e especializado de determinadas áreas. Assim, como acontece com pianistas, por exemplo, que, após anos de práticas ao piano, desenvolvem áreas no cérebro especializadas nos movimentos precisos dos dedos. O mesmo, pode-se dizer, acontece com pessoas portadoras de autismo que, após passarem muito tempo dedicados exclusivamente a atividades específicas, sejam manuais, intelectuais, ou ambas, têm a anatomia do seu cérebro alterada graças a estímulos excessivos. Para chegar a esse nível de especialização cerebral e motora, crianças com TEA primeiro desenvolvem seus hiperfocos, como já dito acima.

Não há um padrão observável que justifique quais tipos de objetos ou conteúdos são mais atrativos para indivíduos presentes no espectro autista, contudo, as áreas das ciências naturais e matemática aparecem muito frequentemente como as mais requisitadas, principalmente quando o autismo é representado em filmes e séries, como em *The Big Bang Theory*, em que o personagem já aqui mencionado, Sheldon Cooper, é um teórico em física.

Há, de fato, um grande número de figuras ilustres das ciências, física e matemáticas que se autodeclara(va) presente no Transtorno do Espectro Autista;

especula(va)-se até mesmo que Albert Einstein e Isaac Newton o fossem. Nesse sentido, temos a personagem Temple Grandin que, além de professora, autora, escritora e palestrante, é também cientista (bióloga), engenheira e zootecnista.

Caitlin, por outro lado, apesar de ser descrita como uma garota que não tem dificuldades pedagógicas na escola, sua área de superdotação está nas artes. Há registros de excelentes pintores e artistas plásticos diagnosticados com autismo, como por exemplo, Peter Howson, com suas pinceladas expressivas e obras mais realistas, e Nadia Chomyn, com seu estilo mais gráfico e abstrato. Assim, conforme se observa, as habilidades acima da média das duas personagens aqui analisadas se polarizam e, nesse sentido, podemos dizer que não existe um padrão sólido o suficiente para determinar algum fator que as leve a escolher determinadas atividades.

No que diz respeito à parte dos sentimentos, tradicionalmente, pessoas com autismo são retratadas como tendo um lado emocional muito rígido, incapazes de sentir empatia ou de compreender o sentimento alheio. Essas características depreciativas tendem a fazê-las parecerem robôs, o que também é uma fonte de exploração cômica para muitos programas e séries de televisão que dispõem de personagens com autismo. Contudo, a personagem Caitlin, durante toda a sua trajetória no romance *Passarinha*, não somente demonstra sentir emoções, como esse traço de personalidade permeia muitos dos momentos emocionantes de sua história, dado que grande parte do enredo se constrói em torno de ela buscar compreender e superar a morte de seu irmão mais velho, Davon.

De modo geral, isso traz uma perspectiva inovadora à representação do autismo, pois, segundo a medicina, não há evidências de que a rigidez sentimental esteja vinculada a algum tipo de disfunção emocional. O que acontece e pode fazer com que pessoas com autismo pareçam desprovidos de emoções é a forma como comumente expressam seus sentimentos, uma vez que expressões, tanto verbais quanto gestuais – as quais, construídas histórica e culturalmente, variam de país a país –, são gestos que revelam certo grau de dificuldade para a maioria dos portadores de autismo. Desse modo, pode-se concluir que não é que haja uma ausência de sentimentos, mas uma dificuldade de traduzi-los de modo considerado “normal” pela sociedade.

Para evidenciar isso, é possível comparar os relatos de Temple Grandin que, motivada pelo seu desejo de ajudar os animais em situação de abatedouros,

justamente por se identificar com eles e sentir empatia, dedica grande parte de sua carreira de pesquisadora a desenvolver métodos de abate mais humanizadores e, com isso, revoluciona a indústria da carne nos Estados Unidos. Além disso, em diversos momentos, Sacks relata perceber que Temple demonstra explicitamente tristeza e angústia ao falar desse assunto. Há também momentos nos quais é possível perceber outros sentimentos, como o desejo de ter companhia, mesmo priorizando ficar sozinha, ou o nervosismo quando colocada em alguma situação que considere desconfortável. Esses relatos reais não somente validam o que é retratado sobre a personagem fictícia Caitlin Smith, como também endossa a ideia de que pessoas com TEA são, assim como as pessoas neurotípicas, plenamente capazes de sentir emoções.

Nesse sentido, as duas obras, com ênfase a *Passarinha*, podem ser consideradas excelentes meios de educar seus leitores quanto à parte do quadro emocional do autismo, pois não somente desconstruem a ideia de que as pessoas com autismo são seres que não sentem, como também alertam os leitores de que seus atos e palavras podem ser depreciativos e ferir os sentimentos do outro.

Por último, dado todo o quadro sintomatológico já discutido ao longo deste trabalho, é possível aferir diversas causas para a característica de rigidez – muito considerada no momento de diagnosticar uma criança com autismo – dentro do TEA. Contudo, para mérito de comparação, vale lembrar aqui: ao Transtorno do Espectro Autista é característico necessitar de estabilidade, rotina, objetos e ambientes familiares, comandos diretos e, claro, estipulação de regras, horários e combinados. Isso tudo se dá principalmente devido a outros aspectos concomitantes dos sintomas autísticos, como hipersensibilidade e, principalmente, dificuldade e lentidão para compreender os funcionamentos das relações sociais. Com isso em mente, torna-se claro o porquê de sujeitos com TEA muito frequentemente demonstrarem extrema rigidez a mudanças, uma vez que essas podem lhes trazer experiências sensorialmente desagradáveis, sentimento de insegurança e confusão para processar novas informações voláteis. Um bom exemplo disso, é novamente o personagem Sheldon Cooper, que não permite que ninguém se sente em “seu lugar” no sofá, pois é um lugar conhecido, familiar, confortável e que não lhe trará grandes surpresas. Esse traço, como já discutido, é um dos grandes arcos de comédia na série “The Big Bang Theory” e é um comportamento explorado justamente para fins cômicos.

Assim, tanto Caitlin como Temple, com base em exemplos diferentes, demonstram rigidez, em diferentes níveis, à alteração de rotina, de ambiente e até mesmo de alimentos, bebidas, roupas e outros elementos do seu dia a dia. Caitlin, por exemplo, queixa-se quando precisa fazer trabalhos em grupo, pois está habituada a fazê-los sozinha, ou quando precisa provar alimentos ou bebidas novas e, o que é bem significativo para a história, quando precisa mudar o modo como desenha, o que tem um significado também figurativo.

Do mesmo modo, Temple Grandin, mesmo não relatando nenhuma dificuldade específica com mudanças de rotina, deixa essa característica clara quando descreve o modo como organiza seu dia a dia. Todos os seus afazeres, obrigatórios ou não, têm horários precisamente estipulados. Isso indica que, para seu conforto e sensação de segurança, tudo deve ser cumprido em determinado horário e de determinado modo.

Esse traço, comum às duas personagens aqui analisadas, é frequente no autismo, porém, assim como os outros sintomas, variam de indivíduo a indivíduo e podem ou não significar uma ruptura no estado emocional do sujeito, a depender do seu grau autístico.

Com base no que foi discutido acima a partir da comparação entre as personagens Caitlin Smith, personagem autista fictícia que é protagonista do romance norte-americano *Passarinha*, e Temple Grandin, personagem não fictícia presente em um dos relatos de *Um Antropólogo Em Marte*, livro de Oliver Sacks, conclui-se que o modo como Caitlin foi desenvolvida representa de modo fidedigno, dentro do que a literatura permite, o quadro sintomatológico presente dentro do Transtorno do Espectro Autista. Assim, por meio da imersão do leitor nas experiências em primeira pessoa da protagonista, é possível não somente ampliar as noções sobre o autismo, como também desenvolver empatia e se tornar mais sensível e tolerante às diferenças características de sujeitos, sobretudo crianças, neuroatípicas. Nesse sentido, o livro *Passarinha* pode ser considerado um bom material paradidático para ser lido na escola, pois, justamente por se tratar de um romance infantojuvenil, sua leitura pode ser extremamente educativa para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental I e dos anos iniciais do Ensino Fundamental II.

## **8. EXPERIÊNCIA COM *PASSARINHA* EM SALA DE AULA**

O Colégio Rio Branco Campinas foi o lugar, como já mencionado no início deste trabalho, onde descobri meu interesse pelo Transtorno do Espectro Autista – e tudo que o permeia – e pelas pessoas com TEA e neurotípicos com quem nos relacionamos dentro e fora do ambiente escolar.

Em 2020, ingressei na equipe do Colégio Rio Branco como estagiário na equipe de Educação Especial. A experiência com essa área do colégio durou em torno de oito meses, porém foi muito enriquecedora para minha formação enquanto professor, profissional da educação e ser humano. Durante esse tempo, percebi que há aspectos da educação especial que somente podem ser percebidos com a prática pedagógica nessa área.

Desse modo, nos meus meus oito meses como mediador escolar, trabalhei com um aluno com autismo, à época cursando o nono ano do Ensino Fundamental Anos Finais. Dentre minhas funções com ele, as principais eram a adaptação de

atividades de todas as disciplinas do currículo escolar comum, exceto Artes e Educação Física, e também o acompanhamento dele nas aulas, auxiliando-o na compreensão das atividades e no seguimento das regras disciplinares dentro da sala de aula.

Por meio de nossas interações nas atividades e nas aulas, percebi o quanto tudo o que eu achava saber sobre o TEA estava equivocado. Com o dia a dia ao lado desse aluno e sob a orientação da coordenadora responsável pelo setor de inclusão, fui desconstruindo os pré-conceitos que eu havia carregado até ali e fui ressignificando-os. Meu contato com esse aluno se encerrou ao final do ano de 2020, quando sua família optou que ele cursasse o Ensino Médio em outra escola. A nossa despedida deu-se em sua formatura, na qual estive presente como seu acompanhante, a convite de sua família. No ano seguinte fui efetivado no colégio, mas para trabalhar em outro setor.

Apesar de meu tempo junto à educação especial ter sido curto, levei comigo o interesse de conhecer mais sobre o autismo. Assim, engajei-me nesta pesquisa e, ao me aproximar da reta final, tive o privilégio de experienciar, com a autorização da coordenação do mesmo colégio, o efeito que o livro aqui discutido pode ter nos jovens leitores, ampliando as noções de empatia e de aceitação do diferente. Pensando nisso, propus uma atividade à coordenação que foi aplicada por mim nas aulas do “Projeto de Vida” no sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental Anos Finais.

A atividade em questão, cujo título foi “Um reflexão sobre relações interpessoais, conflitos e neurodiversidade”, consistiu em uma apresentação de slides que trazia os temas “Conflitos”, “bullying” e “neurodiversidade”. Os objetivos centrais foram os de promover uma reflexão e discussão nas quais os alunos compreendessem as dimensões e diferenças entre conflitos interpessoais e *bullying*, e também entendessem o conceito de neurodiversidade. Como fruto da discussão, era esperado que os alunos conseguissem relacionar a intolerância com o diferente com o *bullying* e, desse modo, desenvolvessem um senso crítico sobre suas próprias ações e as dos outros acerca do respeito às diferenças, com ênfase na inclusão de alunos neurodivergentes. Ao final da discussão, apresentei aos alunos um breve resumo de *Passarinha*, material central desta pesquisa, e os convidei a lerem a obra.

As aulas, que no total foram oito, quatro com os sextos anos (6M1, 2, 3 e 6T1) e quatro com os sétimos anos (7M1, 2, 3 e 7T1), fluíram muito descontraidamente, enriquecidas pelas perguntas dos alunos que, muito animadamente, engajaram e participaram ativamente da proposta didática. Conduzi a discussão de modo que os alunos tentassem responder às perguntas primeiro, para que eu pudesse entender quais eram suas percepções sobre o tema. Essas percepções, como premeditei, baseavam-se em estereótipos errôneos, principalmente quando o tópico da vez era a neurodiversidade. Nas aulas, após lhes apresentar o “autismo”, pedia-lhes que o definissem. Em quase todas as vezes, obtive respostas como “sujeitos retardados”, “pessoas incapazes”, “indivíduos com dificuldade de aprendizagem”, “crianças que não conseguem se controlar” e expressões dessa ordem. Depois desse primeiro momento, lhes apresentei duas definições diferentes do termo: uma cunhada por mim – que, em essência, definia o autismo como um modo diferente de pensar, compreender e reagir ao mundo, – e outra pela OMS. Em seguida, após esclarecer o significado do Transtorno do Espectro Autista e seus três níveis de ocorrência (nível de suporte 1, 2 e 3), questionei-lhes se concordavam que sujeitos portadores de autismo eram mais suscetíveis a sofrer *bullying* no ambiente escolar, dada as características de um autista que fogem à norma social. Unanimemente, os alunos concordaram com essa colocação e, durante esse momento da aula, trouxeram exemplos de momentos que presenciaram crianças neurodivergentes sofrendo algum tipo de preconceito ou exclusão no colégio. Ao encerrar, resaltei dois pontos centrais da discussão: primeiro, que o autismo não indicava, necessariamente, algo negativo sobre o portador, nem que pessoas com autismo são menos capazes ou possuem algum tipo de deficiência. O segundo ponto enfatizado foi o de que o autismo configura somente um modo diferente de existir enquanto condição cerebral e que todos deveriam poder se sentir confortáveis sendo quem são. Ao fim de todas as aulas, apresentei-lhes um resumo do livro e os convidei a lê-lo sob a justificativa de que a experiência de leitura permitiria adentrar no dia a dia, mesmo que fictício, de uma personagem autista, para que conhecessem seu modo de pensar, ler e interagir com o mundo.

Logo após o término das primeiras aulas, fui informado pela bibliotecária da escola que todos os exemplares do livro – adquiridos pelo colégio especificamente para essa atividade – tinham sido alugados e que havia até mesmo uma fila de espera, dado o tamanho do interesse que as aulas despertaram nos alunos. Esse

resultado foi extremamente enriquecedor, tanto por retribuir à comunidade escolar do colégio Rio Branco Campinas ter me aberto as portas para que eu pudesse chegar neste ponto, como por esta pesquisa realizada.

Após o encerramento das aulas, como registro, o colégio Rio Branco realizou postagens em seu site e em seu Instagram, com registros das aulas em fotos acompanhadas com o seguinte texto:

“A apresentação "Uma Reflexão sobre Relações Interpessoais, Conflitos e Neurodiversidade" surgiu como resultado de um trabalho de pesquisa acadêmica (monografia) que estou finalizando no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Unicamp.

Meu primeiro contato com o autismo foi por meio do Colégio Rio Branco, onde ingressei em 2021 como estagiário, na equipe de Inclusão. Mesmo tendo posteriormente seguido um caminho diferente daquele da educação inclusiva, a vontade de conhecer mais sobre o autismo ficou comigo. Assim, no ano retrasado, 2022, iniciei minha pesquisa intitulada “A construção da personagem autista na literatura fictícia”, cujos frutos fazem parte desta apresentação.

Considero crucial discutir questões de neurodiversidade nas salas de aula, especialmente ao abordarmos a violência e o *bullying*, os quais, de modo geral, ainda são muito presentes no cotidiano escolar no Brasil e no mundo.

Desse modo, em colaboração com a coordenação e orientação educacional do Ensino Fundamental Anos Finais, decidi desenvolver este projeto. Ele foi apresentado nas aulas de Projeto de Vida dos 6º e 7º anos e, juntamente com os alunos, conduzi uma discussão que nos levasse a refletir mais sobre como pessoas neurodivergentes podem estar mais suscetíveis a sofrer algum tipo de *bullying*, dando, assim, a oportunidade aos alunos de compreenderem melhor a importância da tolerância e do respeito no ambiente escolar e fora dele.

Após finalizarmos as discussões, convidei os alunos a lerem o livro que motivou minha pesquisa e nossa discussão, *Passarinha*. Ao meu ver, esse livro – com narrador-personagem – aborda brilhantemente esses temas e permite que os alunos “expericiem” os conflitos e desafios enfrentados por uma menina de dez anos com autismo que, em seu dia a dia escolar, tenta compreender o mundo e busca ser compreendida por ele.

Em relação ao impacto que o projeto pode ter nos alunos, acredito firmemente que essa imersão os ajuda a praticar a empatia e a compreender melhor as dinâmicas necessárias para um convívio social saudável, tornando-os mais tolerantes e colaborativos com aqueles que têm experiências diferentes das deles.

Por fim, deixo expresso meus agradecimentos ao Colégio Rio Branco que, como mencionei acima, desempenhou um papel enorme na minha trajetória enquanto estudante universitário, pesquisador e professor. Muito obrigado!”

Convidei uma aluna, após a leitura do livro, para relatar se e como a obra mudou sua perspectiva sobre a convivência e a colaboração com colegas portadores de autismo. Este foi o relato da aluna Geovanna (nome fictício para manter o anonimato exigido pelo Comitê de Ética em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da Unicamp):

Leonardo: Você acredita que a obra *Passarinha* impactou de alguma forma a sua percepção do autismo e de como é importante respeitar as diferenças, sejam elas quais forem?

Geovanna: Eu acho que sim, porque eu não sabia... tipo assim, eu tinha uma noção geral, de fora, de como a pessoa ficava, mas não tinha noção de que a pessoa ficava tão... tão afetada assim quando acontece alguma coisa, o jeito que ela pensa no livro dá um ... aquele negócio de mão, como ela reage com isso ....

Leonardo: Você acha que esse livro, após tê-lo lido, pode ser um caminho para sensibilizar as pessoas sobre o autismo?

Geovanna: Eu acho que sim, porque tem gente que às vezes, tipo assim, trata como se fosse um negócio horrível, como se a pessoa fosse uma pessoa doente, mas não é! A pessoa não é diferente, a pessoa só pensa de uma forma diferente e a pessoa pode ficar um pouquinho mais sensibilizada e entender melhor sobre o assunto.

Leonardo: Se você pudesse descrever o livro *Passarinha* em uma palavra só, qual palavra você utilizaria?

Geovanna: Acho que... triste?

Em seu relato, Geovanna demonstrou que a história da personagem Caitlin a tocou, principalmente por se tratar de uma narradora-personagem e, desse modo, conseguir, por meio da leitura, adentrar na vivência de uma menina autista, compreender o modo como ela percebe o mundo, como sua cabeça funciona, como seus sentidos recebem e reagem aos estímulos externos, como sua mente processa os sentimentos e como os percebe. Ao final, a empatia e a tolerância venceram!

#### Registros do projeto:



## **9. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho, dispus-me a ler, refletir e analisar o livro *Passarinha* com o objetivo de aferir como a personagem autista é construída ao longo da narrativa para, em seguida, analisar se o modo que Caitlin foi pensada pela autora pode servir como um bom exemplo para que alunos do ensino regular, com ênfase o Ensino Fundamental Anos Finais, possam utilizar essa obra como um material paradidático para ampliar suas noções de empatia em relação a crianças neurodivergentes, principalmente pessoas no Transtorno do Espectro Autista..

Para validação da construção da personagem em questão dado o seu quadro sintomatológico autista, baseei-me em uma personagem não fictícia do último capítulo do livro *Um Antropólogo Em Marte*, título também de um livro, do autor e psiquiatra Oliver Sacks. O objetivo era de comparar, por meio dos relatos de Sacks, se Temple Grandin apresenta sintomas do autismo fiéis ao que a psiquiatria estipula como sintomas desse tipo de transtorno de desenvolvimento e, com base neles, compará-las (Caitlin e Temple Grandin).

Desse modo, no primeiro capítulo, apresentei uma breve revisão histórica desde o início dos diagnósticos autistas, quando era considerado um tipo de esquizofrenia infantil, passando pelo surgimento de suas diferentes terminologias, quais sejam: síndrome da mãe geladeira, psicopatía autística, síndrome de

Asperger, *continuum* autista e, por fim, Transtorno do Espectro Autista. O objetivo central dessa revisão era o de evidenciar o percurso histórico do autismo enquanto fator que acarreta ao portador preconceitos, uma série de estereótipos e, conseqüentemente, exclusão social, uma vez que, desde seus primórdios, o TEA já era tratado como algo negativo, análogo aos diagnósticos de insanidade, sendo descrito com termos como “demência”, “retardadismo”, “loucura”, etc. (BERGAMASCHI, 2020). Assim, tais referências históricas do autismo justificam, de certo modo, todo o preconceito que sua comunidade sofre até os dias atuais, mesmo que hoje haja muito mais conhecimento acerca desse transtorno.

No segundo capítulo, apresentei dois resumos: um do livro *Passarinha* e outro de um capítulo do livro *Um Antropólogo em Marte*, mantendo, em ambos, os elementos que expressam a sensibilidade das personagens Caitlin e Temple, respectivamente, fator esse que me fez escolhê-las para esta pesquisa. Assim, os resumos têm o propósito de permitir que o leitor desta monografia conheça, brevemente, os conteúdos centrais de cada uma das obras a que faço referência e, a partir disso, compreenda melhor tanto o capítulo três, no qual comparo as duas personagens em questão, como o ponto central defendido ao longo deste trabalho: o de que *Passarinha* é um livro interessante, emocionante, respeitoso à comunidade autista e, acima de tudo, um possível material paradidático a ser usado em sala de aula a fim de promover a sensibilização dos jovens estudantes acerca da neurodiversidade.

No terceiro capítulo, tracei uma análise entre Caitlin e Temple com o objetivo de validar se o modo como a autora de *Passarinha*, Kathryn Erskine, trabalha o quadro sintomatológico do autismo de Caitlin é verídico ou se foge aos estereótipos. Essa validação se deu por meio da comparação com o comportamento de Temple Grandin, destacado nos relatos do médico psiquiatra Oliver Sacks. Ao longo da comparação, também destaquei o modo como o autismo de Caitlin é apresentado na narrativa para analisar se esse retrato – que aparece por todo o livro, com destaque aos momentos de interação com colegas, conflitos familiares e momentos de autorreflexão – funcionaria como um método de ensinar sobre o próprio quadro autista, a fim de desconstruir estereótipos e pré-conceitos acerca desse transtorno comportamental, assim como outras características neurodivergentes.

Por fim, no quarto e último capítulo, apresentei um relato, repleto de alegria e satisfação, de uma experiência que tive em sala de aula no colégio onde atuo como

professor atualmente. Essa experiência, que consistiu em oito aulas nas quais discutimos *bullying* e neurodiversidade, foi um momento de realização pessoal e, para citar *Passarinha*, meu “desfecho” surgiu com este trabalho. Posso afirmar isso, uma vez que foi no colégio Rio Branco, como já mencionado anteriormente, onde me interessei pela primeira vez pelo autismo. Nesse mesmo colégio, tive a oportunidade de aprender mais sobre o TEA por meio de cursos realizados, orientação de uma psicopedagoga, visitas a clínicas especializadas em autismo e, mais importante, por meio de um trabalho diário de acompanhamento junto a um aluno com autismo.

A necessidade que senti de aprender mais estava intimamente vinculada à minha vontade de poder continuar contribuindo com a educação de alunos TEA – já que eu não fazia mais parte da equipe de educação especial –, então decidi escolher esse tema para o meu trabalho de conclusão de curso. Essa decisão veio acompanhada de incertezas, uma vez que esse tipo de assunto não está necessariamente vinculado ao que o Instituto de Estudos da Linguagem, o IEL, oferece em sua graduação em Letras. Até mesmo cogitei escrever uma monografia sobre algum tema que fizesse mais sentido ao curso de Letras e por isso cheguei a desenvolver um projeto para analisar o modelo de redação do ENEM. Contudo, como mencionei acima, pesquisar sobre autismo era uma necessidade urgente. Pouco tempo depois de ter feito o projeto de pesquisa sobre o ENEM, desisti e, com a autorização da minha orientadora, comecei a pesquisa sobre o autismo.

O fato de ter tido a oportunidade não somente de desenvolver este trabalho, mas de aplicá-lo por meio de uma atividade escolar que, de certo modo, já gerou alguns frutos, e pensar que poderei continuar contribuindo para a qualidade de vida dos meus queridos alunos com autismo, plantou sementes em mim como ser humano e como (futuro) docente.

A conclusão desta monografia lançou luz aos questionamentos que lhe deram vida, porém também trouxe inquietações. Fruto desta pesquisa, o projeto realizado junto ao colégio Rio Branco teve o autismo como tema central, porém foi feito para crianças neurotípicas. Perceber esse paradoxo colocou-me a dúvida se tal projeto poderia ser replicado para crianças autistas também. Isso me levou a refletir sobre a relação que meus alunos no espectro autista têm com a leitura, uma vez que se trata de uma prática que muitos não costumam realizar devido a fatores como dificuldade de interpretação de determinados tipos de linguagem, assim como questões de

hiperatividade associadas ao autismo que os impedem de se engajar em atividades que exigem foco prolongado. Talvez pensar um modo de fazer adaptar esta pesquisa aos alunos autistas seja o próximo passo a seguir.

### Referências Bibliográficas

ABREU E ANDRADE, Aline; TEODORO, Maycon L. M. **Família e Autismo: Uma Revisão da Literatura**. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Julho/Dezembro, 2012.

ARAÚJO, Marielle Flávia do Nascimento et al. AUTISMO, NÍVEIS E SUAS LIMITAÇÕES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA. **PhD Scientific Review**, 2022.

ÁVILA, Maria de Paula de e ALMOHALHA, Lucyene. **O CUIDADO FAMILIAR FRENTE A RIGIDEZ COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO**. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2024.

ASUNCIÓN, Maite. e al. **Influencia del sesgo de género en el diagnóstico de trastorno del espectro autista: una revisión**. Departamento de Psicología Evolutiva i de L'educació, Universitat de València, España. Vol. 11, nº 1, Enero de 2018.

BERGAMASCHI, Tayná de O. Póvia. **A Intervenção ABA em Crianças Portadoras de TEA: Uma Análise Neurolinguística**. Campinas, São Paulo, 2020.

CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida, GOMES, Paulo Emílio Sales. **A Personagem de Ficção**. Editora Perspectiva, São Paulo, 2009.

CIPRIANO, Jailson Araújo e ZAQUEU, Lívia da Conceição Costa. **A dupla excepcionalidade altas habilidades/superdotação associada ao transtorno do espectro autista: compreendendo as especificidades**. Conjecturas, Vol.22. Nível 1, 2021.

COHEN, Simon Baron. Autismo e a Mente Técnica. **Scientific American** No.54, agosto/setembro, 2013.

COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues. **Processos Interacionais e a Construção de Conhecimento e Subjetividade de Crianças**. Universidade Federal do Ceará. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004.

DURANTE, Juliana Cau. **Autismo: uma questão de identidade ou diferença?** III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS), 2012.

ERSKINE, Kathryn. **Passarinha**. Rio de Janeiro: Editora Valentina, 2016.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de pediatria**, v. 80, n. 2, p. 83-94, 2004.

GAIATO, Mayra Heleno Bonifácio et al. Análise comparativa do comportamento verbal nos três níveis de suporte no autismo. **Revista Psicologia Diver Saúde**. Salvador, BA. 2024.

LOPES, Bruna Alves. **Autismo e culpabilização das mães: uma leitura de Leo Kanner e Bruno Bettelheim**. Seminário Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis, 2017.

MIGUEL DA SILVA, Ricardo e HOLLERBUSCH, Lopes. **O DESENVOLVIMENTO DA INTERACÇÃO SOCIAL DAS CRIANÇAS COM ALTERAÇÃO DO ESPECTRO DO AUTISMO**. Universidade do Porto, outubro de 2001.

NASCIMENTO, Thais Almeida do et al. **HIPERFOCO COMO CAMINHO PARA O APRENDIZADO E INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO**. Universidade Federal do Espírito Santo, 2023.

OLIVEIRA, Evelyn Cristina. **Autismo, Socialização e Inclusão: desafios e possibilidades no âmbito escolar**. Brasília, 2021.

REIS, Carlos. **O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários**. 2ª edição, EdiPURCS, Porto Alegre, 2013.

RODRIGUEZ, Fabiano de Abreu Agrela e BANASKIWITZ, Helena van Cleef. Trabalhos compartilhados na superdotação e na Síndrome de Asperger: um artigo original e também uma revisão narrativa. **Revista Caderno Pedagógico**. V.16, N.1, 2019.

SACKS, Oliver. Um Antropólogo em Marte. In: SACKS, Oliver. **Um Antropólogo em Marte**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

STANISLAVSKI, Constantin. **A Construção da Personagem**. 26ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 13, n. 3, p. 296-299, 2008.

ZILBOVICIUS, Mônica e outros. Autismo: neuroimagem. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 2006.